



DIMENSÕES DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA IMPRENSA LOCAL DE PASSO FUNDO/RS: UMA LEITURA CRÍTICA A PARTIR DE CONNELL E PEARSE

Jaíne de Cássia Nunes Vieira

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)- Campus Erechim. Bolsista da (CAPES).

Paula Vanessa de Faria Lindo

Professora do curso de Geografia, do PPGICH e do PPGGEO da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).
paula.lindo@uffs.edu.br

1. Introdução

A violência de gênero permanece como uma das expressões mais perversas das desigualdades estruturais em sociedades marcadas pelo patriarcado. No Brasil, apesar dos avanços em políticas públicas e mobilizações sociais, persistem altos índices de violência contra mulheres, manifestando-se de maneira física, psicológica, simbólica e institucional. A permanência dessas violências revela a urgência de aprofundar sua compreensão a partir das múltiplas dimensões que estruturam as relações de gênero.

Este trabalho tem como objetivo analisar como a violência de gênero é representada em um jornal local, à luz das quatro dimensões propostas por Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015): poder, produção, catexia e simbolismo. Essas dimensões permitem compreender o gênero como uma estrutura relacional complexa, atravessada por desigualdades materiais, afetivas e simbólicas, e ajudam a interpretar os mecanismos que naturalizam ou silenciam a violência contra as mulheres na mídia.

A pergunta que orienta este estudo é: de que forma as reportagens de um jornal local reproduzem (ou confrontam) as dimensões da violência de gênero no cotidiano regional? A justificativa para esta pesquisa está na importância de compreender como os meios de comunicação locais — muitas vezes vistos como neutros — operam na legitimação de narrativas sobre gênero, podendo tanto reforçar quanto questionar estereótipos e relações de dominação.

A função social do trabalho está em contribuir com o debate sobre o papel da mídia na produção e reprodução das desigualdades de gênero, oferecendo elementos para



práticas mais críticas na leitura da imprensa e no enfrentamento à violência. Ao aliar teoria e análise de material empírico, o estudo busca fortalecer os caminhos de visibilização e superação das violências de gênero no contexto regional.

2. Metodologia

Esta pesquisa é qualitativa, com enfoque na análise de conteúdo. O material empírico consiste em reportagens e notícias veiculadas em um jornal local do município de Passo Fundo, publicadas entre os anos de 2017 a 2024. A seleção das matérias será orientada pelo critério temático, priorizando conteúdos que abordem diretamente casos de violência, seguida de morte, contra mulheres.

A análise será orientada pelas quatro dimensões das relações de gênero propostas por Connell e Pearse (2015): poder, produção, catexia e simbolismo. Deste modo será possível identificar de que forma tais dimensões se manifestam ou são silenciadas nas narrativas jornalísticas. Importante ressaltar, que o estudo bibliográfico também foi fundamental para fundamentar os conceitos utilizados e situar o debate sobre gênero, patriarcado e violência, com base em autoras como Heleieth Saffioti (2015), Carla Akotirene (2019) e Rita Segato (2012).

3. Resultados e discussão

Este trabalho ainda se encontra em fase inicial, com levantamento bibliográfico em andamento e sem a análise empírica finalizada. No entanto, já é possível destacar algumas contribuições teóricas fundamentais para a compreensão da violência de gênero como fenômeno multidimensional. A partir da leitura de Connell e Pearse (2015), compreende-se que o gênero é uma construção sociocultural complexa, atravessada por relações de poder, produção, afetividade (catexia) e simbolismo — dimensões que estruturam os modos pelos quais a violência de gênero se manifesta na sociedade.

A dimensão do poder se expressa na dominação histórica dos homens sobre as mulheres, legitimando práticas como a violência doméstica e o feminicídio. Já a dimensão da produção remete à divisão sexual do trabalho, muitas vezes responsável por tornar



mulheres economicamente dependentes de seus agressores, o que dificulta o rompimento de vínculos violentos. A catexia diz respeito às relações emocionais e afetivas, que, no caso das violências de gênero, podem ser marcadas por misoginia, controle e submissão. Por fim, o simbolismo diz respeito às representações sociais e culturais — como imagens, discursos midiáticos e linguagem — que sustentam ou naturalizam desigualdades entre os gêneros.

Tais dimensões serão utilizadas, em momento posterior da pesquisa, como ferramenta analítica para interpretar reportagens veiculadas em um jornal local, com o intuito de identificar como a violência de gênero é representada e quais sentidos são atribuídos às mulheres vítimas de violência e aos agressores. Assim, ainda que os resultados empíricos não estejam consolidados, a fundamentação teórica construída até aqui permite sustentar a hipótese de que a mídia local, muitas vezes, pode reforçar estereótipos de gênero e silenciar as estruturas que sustentam a violência.

4. Considerações finais

Frente ao discutido, percebe-se que a violência contra mulher, também refere-se à violência de gênero. Logo, as dimensões de gênero são aplicáveis nesse tipo de conceito. Visto que, é de suma importância estudar gênero, pois é considerado um problema de saúde pública conforme a Organização Mundial de Saúde. Bem como um problema social. Assim, compreender as formas como a violência de gênero se manifestam por meio de suas dimensões torna-se importante, a fim de apenas compreendendo que se pode combater.

Frente ao que foi discutido, percebe-se que a violência contra a mulher está diretamente relacionada à violência de gênero, sendo sustentada por estruturas históricas de dominação patriarcal. As quatro dimensões propostas por Connell e Pearse (poder, produção, catexia e simbolismo) revelam como essa violência se manifesta em diferentes esferas da vida social, desde o controle econômico e afetivo até as formas simbólicas de representação.

Compreender essas dimensões é fundamental para enfrentar a violência de gênero, reconhecida não apenas como um grave problema social, mas também como uma questão



de saúde pública, conforme aponta a Organização Mundial da Saúde. No entanto, é preciso também problematizar os modos como essa violência é narrada socialmente, especialmente pela mídia.

O jornalismo local, que será objeto de análise desta pesquisa, desempenha papel importante na construção de sentidos sobre os casos de violência. Observa-se que, muitas vezes, os assassinatos de mulheres não são nomeados como feminicídio, e que os discursos veiculados nas reportagens tendem a selecionar quais informações serão evidenciadas (como a profissão, idade e histórico do agressor), o que pode revelar marcadores de classe e gênero na forma de narrar os fatos.

Assim, esta pesquisa parte da hipótese de que a mídia não apenas informa, mas atua na produção simbólica da realidade, podendo reforçar ou questionar os estereótipos de gênero. Ao aprofundar a análise dessas representações, pretende-se contribuir para o debate crítico sobre o papel da comunicação na naturalização — ou no enfrentamento — das desigualdades de gênero.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade: Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. 3ª ed. São Paulo: nVersos, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SEGATO, Rita Laura. **Gênero e Colonialidade: Em Busca de Chaves de Leitura e de Um Vocabulário Estratégico Decolonial**. E-cadernos CES, 2012. 30 jun. 2025. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/eces.1533>>.